

O Brasil sem Dilma

Rogério L. Furquim Werneck*

Como estaria o Brasil, hoje, se Dilma Rousseff jamais tivesse sido presidente da República? O que teria ocorrido se, na eleição de 2010, Lula tivesse escolhido outro candidato, mais preparado e com melhor trânsito no Congresso e no PT, em vez de ter insistido em ungi-la como sua sucessora, para desespero da cúpula do partido?

Já seria um grande avanço se, na reflexão sobre essa indagação, se pudesse mapear o que possivelmente *não* teria ocorrido. Salta aos olhos, como altamente improvável, que qualquer outro candidato plausível, eleito pelo PT na disputa presidencial de 2010, viesse a ter desempenho tão desastroso como o que teve Dilma, nos cinco anos e meio em que ocupou o Palácio do Planalto.

Como estaria o País hoje não tivesse sido metido no atoleiro em que foi deixado por Dilma, na esteira de uma gestão destrambelhada da política econômica, marcada por devastação fiscal e intervenções inconsequentes na formação de preços, que redundou em queda de mais de 8% no PIB por habitante, desorganização da economia, perda irremediável de apoio do Congresso e traumático processo de impeachment?

Um presidente mais ponderado, menos voluntarista e mais capacitado a lidar com o Congresso poderia perfeitamente ter mantido a economia nos trilhos. Nos mesmos trilhos em que foi feita a difícil transição entre o segundo mandato de FHC e o primeiro mandato de Lula. Responsabilidade fiscal, preços realistas, inflação sob controle. E em vez de recessão tão brutal, crescimento econômico sustentado, no limite do possível.

Mas falta, aqui, uma indagação crucial. Quão plausível é a ideia de que Lula poderia ter ungido outro candidato em 2010? A verdade é que o ex-presidente jamais levou a sério qualquer outro nome que não o de Dilma. Em parte, por que alimentava a fantasia de que, não tendo ela luz política própria, se contentaria com um único mandato e lhe cederia a vez em 2014. Mas em grande parte, também, porque Lula tinha, em comunhão com Dilma, a mesma visão triunfalista sobre as possibilidades das alterações de rumo que vinham sendo feitas na condução da política econômica no seu segundo mandato.

Fazendo uso do direito de autoplágio, permito-me reproduzir a seguir três parágrafos que escrevi sobre isso em artigo aqui publicado em 20/10/2017.

O descarrilamento da política econômica petista foi um longo processo, cujo início remonta a março de 2006, com a substituição do então ministro da Fazenda, Antonio Palocci, por uma figura inexpressiva que, confirmada no cargo no segundo mandato de Lula, abriria espaço para inédita preponderância da Casa Civil na condução da política econômica.

A política econômica do segundo governo Lula foi, em boa medida, a política de Dilma Rousseff. O que se presenciou, especialmente a partir de 2008, quando, afinal, a bandeira da “nova matriz econômica” pôde ser ostensivamente desfraldada, foi o inexorável desenrolar do desastre, como num grande acidente ferroviário filmado em câmara lenta.

Como bem esclareceu a própria ex-presidente Dilma, em entrevista à *Folha de S. Paulo* de 28/7/2013, ela e Lula eram “indissociáveis”. “Eu estou misturada com o governo dele total. Nós ficamos juntos todos os santos dias, do dia 21 de junho de 2005 (*quando ela assumiu a Casa Civil*) até ele sair do governo.”

Tinha tudo para ser ungida por Lula, em 2010.

Ao final do seu alarmante primeiro mandato, Dilma se recusou a ceder a vez a Lula. E foi reeleita, numa disputa acirrada, em que conseguiu esconder do eleitorado as reais proporções da brutal crise econômica que armara.

No primeiro programa de propaganda eleitoral do PT, em 2014, havia uma parte em que Lula reconhecia tacitamente que Dilma não tinha o que mostrar. E tentava convencer o eleitor a lhe dar outra chance. Seu segundo mandato seria melhor: “... eu quero falar especialmente para você, que está em dúvida se deve votar ou não na Dilma. Eu lhe peço, vote sem nenhum receio. Fique certo de que você não vai se arrepender.”

Pouco ou nada aprendeu o eleitor. Triste País.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.